

18º Congresso Brasileiro de Sociologia

26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)

GT 30: Migrações contemporâneas no Brasil. Novos fluxos, novas perspectivas sociológicas

Imigrantes brasileiros na França e seus projetos de retorno

Gisele Maria Ribeiro de Almeida

UFF - Universidade Federal Fluminense

Imigrantes brasileiros na França e seus projetos de retorno

Gisele Maria Ribeiro de Almeida

Introdução

De acordo com Sayad (2000), mais do que uma possibilidade, o retorno é um componente essencial da migração. Para Durand (2006), a decisão de voltar é semelhante àquela que se dá no momento da partida. No contexto contemporâneo, a tensão entre permanecer ou retornar pode assumir contornos jurídico-institucionais, pois grande parte dos países vem adotando, nas últimas décadas, políticas de imigração mais restritivas e rigorosas, fato que muitas vezes se traduz no “retorno compulsório”. No entanto, ainda que se reconheça o peso desta dimensão explicativa, há ainda casos nos quais são as tensões subjetivas, as dinâmicas identitárias que influenciam na re-atualização do projeto migratório e definem expectativas e/ou comportamento frente à decisão de voltar ao país de origem ou permanecer no destino. Isso ocorre porque o retorno depende das mudanças nos contextos internacionais, mas também está intimamente associado à experiência do imigrante e à maneira como transcorreu a migração (DURAND, 2006).

Nesse artigo, a decisão sobre o retorno é tomada como sendo uma componente integrante do projeto migratório. Este é entendido como uma criação individual ligada à realidade prática e ao contexto que cerca o potencial migrante (MA MUNG, 2009). Esse “projeto” não é estático, ao contrário, assume os contornos de um planejamento que se atualiza e se reatualiza nas diferentes etapas do deslocamento (BOYER, 2005). Nesse sentido, refletir sobre o retorno é refletir sobre os projetos migratórios. E assim como os projetos de emigração e de imigração, os planos de retorno (ou sua ausência) não estão livres dos constrangimentos e oportunidades. A resposta de uma imigrante brasileira na França frente ao questionamento sobre a possibilidade de retornar ao Brasil indica claramente este aspecto de atualização constante do projeto migratório e de como um plano inicial de uma estada temporária pode assumir contornos de um fluxo com baixa probabilidade de reversibilidade: “começa com ‘eu vou para ficar um tempo’, passa pelo ‘não sei se vou voltar’ até chegar ao ‘como vou fazer para ficar?’”.

Após uma breve apresentação do recente fluxo de brasileiros para a França, o texto dedica-se a analisar a questão do retorno a partir do material oriundo de uma pesquisa empírica realizada entre 2010 e 2012. O enfoque é dado para a experiência de retorno e, também, pelos planos de retorno dos/das ex-imigrantes e imigrantes entrevistados/as.

A recente imigração brasileira na França

Desde que os brasileiros começaram a sair do país em função de motivações econômicas, na década de 1980, a França tornou-se um destino possível para aqueles que migram em busca de melhores oportunidades - de vida, trabalho ou estudo (ALMEIDA, 2013; AMORIM, 2009; BÓGUS, 1995).

Assim, serão analisados os projetos de retorno de migrantes que se deslocaram após 1980. Deve-se registrar que foi a partir daí que se iniciou um processo de emigração de brasileiros¹, fato que resultou em grande medida da grave crise econômica que assolou o país na década de 1980, e que comprometeu as possibilidades de inserção no mercado de trabalho e de mobilidade social, inclusive inviabilizando a manutenção do status social das classes médias (SALES, 1995).

Dirigindo-se aos Estados Unidos, à Europa e ao Japão², estes brasileiros deslocam-se num contexto fortemente marcado pela lógica de mobilidade e circulação (CORTÈS e FARET, 2009). A França, como um país central, passa a atrair aqueles que buscam uma formação educacional no exterior (no caso de estudantes), uma experiência profissional diferenciada (no caso de profissionais qualificados), ou ainda uma melhor remuneração salarial em certos nichos do mercado de trabalho secundário (trabalhadores com baixa ou pouca qualificação). Ao mesmo tempo, com a formação do espaço de livre circulação europeu, a França potencialmente torna-se um território de passagem, trânsito e instalação para os brasileiros que foram, estão ou vão para a Europa (ROSENFELD et al., 2009). Assim como estes agentes conceberam e realizaram seus projetos migratórios³ de partida, seja em função de iniciativa própria, seja por incentivos ou constrangimentos externos, estes migrantes se deparam também com a questão do retorno ao Brasil.

O material empírico, que será discutido a seguir, resultou de uma pesquisa de

¹ Segundo dados da Política Marítima e de Fronteiras, divulgados por Sales (1994), entre 1986 e 1990, 1,4 milhão de brasileiros saiu do Brasil e não retornou. Os registros consulares do Ministério das Relações Exteriores (MRE) apontaram 1,9 milhão de brasileiros vivendo no exterior em 2000 (PATARRA, 2005). As estatísticas mais recentes disponibilizadas pelo MRE, de 2010, calculavam que havia mais de 3 milhões de brasileiros vivendo no exterior.

² Segundo as estimativas do Ministério das Relações Exteriores do Brasil (MRE), os Estados Unidos acolhem cerca de 40% dos brasileiros emigrados. O Japão concentra pouco menos de 10% deste contingente. A Europa abarca quase um terço desta população e os países com as maiores "comunidades" brasileiras são: Reino Unido, Espanha, Portugal, Alemanha e França. Importante ressaltar que estes dados apresentam problemas na estimativa, principalmente devido à migração não documentada, que geralmente não é captada nas fontes de informações consulares.

³ É possível localizar uma discussão mais detalhada em torno da noção de projeto migratório em Almeida (2013), particularmente no segundo capítulo. Destaca-se que diversos autores franceses, tais como Ma Mung (2009), Bouly de Lesdain (1999) e Boyer, 2005 fornecem subsídios valiosos para seu uso heurístico em estudos migratórios.

campo empreendida no Brasil e na França, realizada entre 2010 e 2012. Para a constituição do *corpus* da pesquisa, os filtros foram definidos a partir de critérios que definiram quem seria o imigrante e o ex-imigrante (retornado) brasileiro na França contemplado pela investigação. O recorte cronológico da pesquisa, a imigração brasileira na França após 1980, foi devido ao nosso interesse em estudar as migrações internacionais contemporâneas, e para não nos ocuparmos, por exemplo, com o fluxo de refugiados brasileiros para a França nos anos 1960 e 1970 promovido com a ditadura militar. O filtro adotado estabeleceu que seria considerado um retornado alguém que tivesse vivido na França durante no mínimo um ano, sem ter sido “bolsista-sanduíche”⁴. Para os imigrantes, a regra de um ano se manteve, e foi eventualmente ignorada diante de projetos migratórios que revelavam uma intencionalidade de permanência mais duradoura ou um deslocamento que integrava uma trajetória migratória múltipla.

Como se tratava de uma população pequena e dispersa, os entrevistados foram identificados e localizados pelo método da “bola de neve” (MAY, 2004; PIRES, 2010), usado nas Ciências Sociais para indicar uma seleção de amostragem não probabilística, no qual alguém indica uma ou mais pessoas, que por sua vez podem sugerir outros nomes. Essa técnica é recomendada e utilizada em pesquisas cuja população alvo está oculta e/ou dispersa, permitindo que o pesquisador se aproxime de situações sociais específicas (MAY, 2004). Nesses casos, é mais fácil que informantes privilegiados e/ou pessoas da própria população conheçam outros membros e os indiquem, do que o próprio investigador conseguir identificá-los.

Foram realizadas 16 entrevistas com os chamados “retornados”. Por outro lado, na França foram feitas 86 entrevistas, destas havia 2 casos de imigrantes que estavam em via de retornar ao Brasil⁵.

Imigrantes brasileiros/as na França e a questão do retorno

No que se refere aos 16 ex-imigrantes brasileiros na França, 7 deles cumpriram a expectativa inicial no que se refere ao tempo de permanência na França, que foi pensada como uma mobilidade temporária desde o início.

⁴ Estes apesar de poderem permanecer até um ano na França, sabem que vão voltar e a expectativa temporal do deslocamento tende a se manter inalterada (ROBERTS, 1995).

⁵ No Brasil, as entrevistas aconteceram em Brasília, Campinas, São José dos Campos, São Paulo, São Vicente; além de 4 entrevistas realizadas através do Skype. Na França, as entrevistas foram realizadas em Aix-en-Provence, Lille, Lyon, Marselha, Montpellier, Paris, Rennes, Estrasburgo, Nice e Toulon e outras pequenas cidades próximas a elas.

Alessandra⁶ foi fazer seu doutorado integral em física e voltou ao país após a conclusão do mesmo, pois para ela, ser “estrangeira” “para sempre” estava fora de questão:

Quatro anos fora!... Eu era a única que ia voltar. Que as outras duas casaram. Ficaram lá... Mas eu não queria ficar lá. [...] Eu acho que é muito ruim pro estrangeiro. Eu não gostei de ser estrangeira. Assim, eu acho legal, a experiência, mas, você passar a vida sendo estrangeiro! Ah, não... que que é isso? [Alessandra em entrevista realizada em 12/08/2011]

O marido de Daniela é economista e ele foi fazer um doutorado integral em Toulouse com bolsa da Capes. Inicialmente, ela permaneceu no Brasil e após a conclusão de sua graduação em Fisioterapia é que foi para a França em 2007, aos 26 anos de idade. Como previa ficar lá mais de três anos, ela aproveitou o ensejo para investir em sua formação profissional. Daniela disse-me que após o término do doutorado do marido, eles quase desistiram de voltar. Ela contou que seu marido recebeu uma proposta de trabalho e que ele tinha vontade de ficar:

[...] até que no final, no finalzinho eu até tive uma vontade de continuar lá, porque eu tinha, no fundo eu tinha medo de voltar para o Brasil. Eu queria porque eu pensava “não, daqui um ano eu quero ter filho” e, eu queria que isso acontecesse perto, perto da minha família, né, eu não imaginava ter filho longe, construindo uma família longe. E eu teria que vir com um pouco de antecedência pra gente se estabelecer, conseguir um emprego. Acho que esse foi o forte também. Só que eu tinha medo, tinha não, eu tenho, até hoje! Porque é bem diferente, a realidade é bem diferente. Depois que você fica um tempo lá fora e volta pra cá... Nossa, ainda mais São Paulo que tá tão caro! [risos] A gente fica assim, assim, de criança, com criança, né, tem que pagar tudo. E, com violência... [...] Mas daí, eu acho que o lado família foi mais forte, no finalzinho, eu acho que o meu marido quase me convenceu, de mudar tudo e ficar lá, mas aí ele conseguiu emprego aqui [numa faculdade de São Paulo], e meu pai teve um problema de saúde sério, então aí eu esqueci! Aí, tipo, tudo que eu tava, que ele tava conseguindo convencer, foi tudo por água abaixo! Aí, a gente veio. Mas foi ótimo, assim, eu acho que voltar pro Brasil também, sabe, ter uma experiência, eu não imaginava que fosse tão, tipo, sabe, que essa experiência iria mudar tanto minha vida, assim, tanto profissional, quanto pessoal [Daniela em entrevista realizada em 14/04/2011].

Oswaldo é um engenheiro químico que permaneceu na França durante 4 anos. Apesar dele ter gostado da experiência e de manter uma relação afetiva com a França, o retorno foi vivenciado com objetividade, por considerar aspectos como sua carreira profissional e sua aposentadoria:

Eu, pessoalmente em termos profissionais, eu não tive muita escolha, por causa dessa questão da empresa [houve uma reestruturação] [...]. Então, por razões profissionais eu não me arrependo, mas, assim, é, se, se tivesse voltado, né. [...] Porque eu não sei se profissionalmente, se eu tivesse permanecido lá, profissionalmente, onde eu estaria hoje, pode ser que eu nem estivesse mais na França, [...] ou se eu pudesse estar até em outro país. Ou, poderia ter tido um caso, porque tem uma coisa, você estar como expatriado, você tem uma certa proteção, em termos de trabalho. Se eu optasse por ficar, eu teria que abandonar o status de expatriação, e pela lei francesa, eles não

⁶ Sempre que houver referência nominal a um/uma entrevistado/a, trata-se de nomes fictícios.

reconhecem os anos trabalhados no Brasil. [...] E eu não teria nenhuma proteção da empresa. Eu teria que competir de igual pra igual...[...] com franceses e eu sendo mais velhos já [Osvaldo em entrevista realizada em 05/06/2011].

Esses três migrantes retornados são típicos casos de deslocamentos temporários. Há casos de trajetórias mais complexas, que envolvem inclusive aspectos conflituosos em relação ao retorno, como o caso de Jurema, que vivenciou uma espécie de “retorno forçado”, no sentido de que ela não conseguiu se inserir profissionalmente na França após a conclusão de seus estudos e acabou decidindo voltar. De acordo com sua narrativa, gostava de viver na França e se pudesse, teria ficado: “Eu, no fundo, no fundo, eu não, eu não queria ter voltado, né. [...] Enfim, eu tinha uma vida lá [...] as minhas referências eram todas lá, de certa forma” [Jurema em entrevista realizada em 25/09/2011]. Esse é um caso em que o desejo de permanência do imigrante entra em conflito com a política migratória da sociedade de acolhimento. Segundo seu depoimento, ela tentou empregos em ONGs que atuavam na sua área de formação, mas disse que a França estava muito fechada. A entrevista foi realizada à distância, através do Skype, mas mesmo assim Jurema mostrou-se bastante à vontade e manifestou fortemente sua emoção ao declarar que tinha muitas saudades e que às vezes se arrependia por não ter tentado mais enfaticamente permanecer na França.

Por outro lado, dois entrevistados, Mário e Margareth, por exemplo, preenchem critérios que facilmente permitiriam a um pesquisador classificar seus deslocamentos como irreversíveis ou de baixa reversibilidade (DOMENACH e PICOUET, 1990): viviam na França há 10 anos ou mais, tinham a nacionalidade, estavam trabalhando. Ou seja, elementos que indicavam um estabelecimento na sociedade de imigração, mas que acabaram retornando ao Brasil.

Margareth me disse que nunca tinha pensado em ir pra França, “nem pra passear”, mas apoiou o desenvolvimento profissional do marido e aceitou o desafio. Na França, conseguiu reconhecer sua profissão, trabalhava na sua área de formação, advocacia, e os filhos estavam bem inseridos no sistema educacional francês. A família toda havia adquirido a cidadania francesa. Enfim, todos os elementos configuravam uma mudança “definitiva”. No entanto, o marido que normalmente viajava com frequência pela Europa em razão do trabalho, recebeu uma proposta que exigia a transferência para o Marrocos. Segundo Margareth me disse, ela e os filhos não iriam. Avaliaram que a família iria ficar dispersa, pois a distância inviabilizava o retorno semanal do marido para a casa da família, no sul de Paris. Desta forma, mesmo não querendo a princípio voltar, decidiram encontrar uma alternativa, que na prática exigiu

ao marido encontrar outro emprego. Ele conseguiu um posto em Araraquara, interior de São Paulo. Como resultado, a família voltou ao Brasil, em 2009, dez anos depois de permanência na França.

Amilton é um caso específico. Quando me concedeu a entrevista, ele estava no Brasil há quase um ano, um retorno não planejado. Contou-me que veio porque seu pai estava muito doente, mas depois que estava no Brasil, começaram a aparecer boas oportunidades profissionais (ele é fotógrafo) e ele “foi ficando”, além do previsto. No entanto, Amilton sabia que retornaria para a França, só não sabia quando exatamente, pois tem duas filhas e uma ex-mulher francesa de quem não estava ainda oficialmente separado. Ou seja, a França era, segundo sua narrativa, parte efetiva do seu espaço de vida (COURGEAU, 1988).

Considerando as trajetórias dos imigrantes brasileiros que estavam na França, será discutido como esses migrantes incorporam o retorno em seus projetos futuros de permanência ou de regresso. Praticamente todos os entrevistados foram confrontados com a questão do retorno, ou seja, tiveram que se posicionar, nas entrevistas concedidas, frente à possibilidade de voltar a viver no Brasil. As narrativas que resultaram destas provocações incorporam os projetos de futuro e sinalizaram para a influência de processos de identidades – tais como a identidade brasileira, a condição estrangeira, a questão do trabalho ou da inserção profissional, entre outros aspectos – que implicam na atualização do projeto migratório.

Há casos em que o estabelecimento da França é visto como definitivo e o retorno ao Brasil manifesta-se como uma alternativa descartada. Outros inúmeros casos “fecham” o processo iniciado, com o retorno à origem ou ao menos com o projeto de retorno. No entanto, cabe ressaltar que diversos entrevistados mostraram-se bastante incertos, viviam com a “dúvida”, reiterando o argumento de que a questão do retorno é da alçada “do fantasma que ronda as consciências” (SAYAD, 2000, p. 12). Outros entrevistados manifestam inclinação para ambas possibilidades, apontando que essa decisão depende do futuro, remete a condições que no momento não estão colocadas, mas que os entrevistados reconhecem como podendo interferir em seus planos sobre ficar na França ou retornar ao Brasil. Esta situação foi explicitamente formulada por uma entrevista: “Eu pulo essa pergunta. Eu não sei se eu ficaria aqui pra sempre”. [Amanda em entrevista realizada em 18/10/2012].

Houve dois casos nos quais a entrevista foi realizada as “vésperas” do retorno. Marcela me recebeu uma semana antes de pegar o voo que a trouxe de volta ao Brasil

e conversei com Humberto cerca de um mês antes de sua partida. São duas situações bastante distintas. Marcela queria voltar e planejou esse retorno durante dois anos, pois seu caso envolveu uma articulação institucional dado que se trata de uma migração de carreira (TILLY, 1986). Apesar de estar entre os imigrantes desejáveis pela política migratória francesa e de ter recebido suporte da empresa onde trabalha, Marcela sentiu-se pouco acolhida:

Pode ser que eu seja mais sensível a certas coisas aqui, porque elas me incomodam, né, mais. Então, é, sendo estrangeira, sendo mulher, eu vou ficar mais, né, mais suscetível. Mas, eu não sei, eu, nesse aspecto, voltar pro Brasil, pra mim, é uma grande liberdade, já de... É, é... Aquela coisa assim: “Ai, eu sou cidadã”. Eu não tenho que me preocupar com a minha *Carte de Séjour*. Eu não tenho que chegar na Imigração e ter que enfrentar aquele cara, com uma cara de merda, lá, olhando pra minha cara... É, como aconteceu, várias vezes. Sempre atrasavam. [...] Porque eu renovava todo ano, né. [...] Então, todo ano eu tinha que fazer. E como eles demoraram mais de um ano, eu tive meu *Titre* [título] de residente o ano passado. Agora que eu não preciso mais, eu tive, né. Então... E, e, e... Assim, meu visto de *Séjour* estava escrito “salarié”, então, era um visto realmente, considerado de alto nível, e tudo [Marcela em entrevista realizada em 20/08/2012].

Por outro lado, Humberto gostaria de permanecer na França, mas teve problemas para renovar o seu visto, fato que acabou definindo seu retorno. Ele tinha um visto de estudante e fazia uma formação profissional (um equivalente a uma formação de tecnólogo no Brasil). Através do cunhado do pastor da igreja que Humberto frequentava na França, ele conseguiu um estágio em uma empresa em março de 2010. Humberto contou-me que após a conclusão do curso, em junho de 2011, a empresa o convidou para trabalhar integralmente, condição que exigia a passagem do visto de estudante para o de trabalho. Assim, segundo a narrativa de Humberto, ele teve o apoio da empresa para a garantia do vínculo e da documentação que embasou o seu pedido de renovação e alteração do tipo de visto. Humberto alegou que o pedido foi negado duas vezes. Na segunda recusa, as autoridades francesas alegaram que o salário não era compatível com a função. De acordo com Humberto, a empresa aceitou aumentar o salário dele e mudar o seu enquadramento profissional para permitir a renovação, mas foi então que ele teria ponderado a situação e entendendo que “Deus estava falando através das ações das pessoas”. Nas palavras dele: “Deus avisou as pessoas, mas não falou para mim” [Humberto em entrevista realizada em 06/09/2012], até que um dia, segundo o entrevistado, “Deus teria falado que o tempo dele em Paris tinha terminado”. Então, Humberto disse-me que aceitou, apesar do desejo de permanecer, o fato de que precisava seguir seu caminho. Essa resignação à vontade divina fez com que Humberto e sua esposa retornassem ao Brasil em outubro de 2012. Seja um retorno movido pela fé ou explicado pela

contingência, o fato é que o destino do casal, que se formou em Paris, foi a cidade de São Paulo, onde Humberto avaliava que teria mais oportunidade e onde sua esposa poderia seguir seus estudos de pós-graduação.

Considerando os demais 84 entrevistados⁷ tem-se que 30 não consideram o retorno ao Brasil, 23 planejam voltar no médio ou longo prazo, 19 entrevistados não sabem ou têm dúvidas quanto ao retorno, 10 não descartam a possibilidade no futuro, situação em que o retorno aparece condicionado a alguma outra realização (que pode ser ter uma boa oportunidade profissional ou que as suas condições de vida na França se alterem).

Uma entrevistada, Diana, “estranhou” minha pergunta, pois como ela tem uma casa no Brasil e passa três meses por ano no Rio de Janeiro considera que esse arranjo já lhe permite viver no Brasil.

Entre aqueles que não consideram o retorno, há casos que podemos qualificar de extremos como o de Alberto que me disse não se considerar mais brasileiro e que só usa o passaporte francês, mesmo nas raras ocasiões em que veio ao Brasil. Alberto é um exemplo do “imigrante que deixou de ser imigrante”:

O imigrante só deixa de sê-lo quando não é mais assim denominado e, conseqüentemente, quando ele próprio assim não mais se denomina, não mais se percebe como tal. E a extinção desta denominação apaga, a um só tempo, a questão do retorno inscrito na condição do imigrante. Na verdade, não se trata, sob o pretexto do retorno, da questão mais fundamental da legitimidade intrínseca da presença daquele que é visto e designado como um imigrante? (SAYAD, 2000, p. 11).

Entrevistados como Jonas e Roger me explicaram que já se acostumaram à condição imigrante e à vida na França. Quando perguntei ao Jonas se ele pensava em voltar para o Brasil, prontamente respondeu-me que não, mas admitiu que “todo mundo” fala que não quer passar a velhice fora, que vai voltar e comprar uma casinha; no entanto Jonas ponderou que tem amigos que voltaram e que não se adaptaram. Por isso, segundo Jonas o caminho era aceitar essa “dualidade” e se “acostumar”. Curiosamente Roger, também mencionou essa questão da “velhice” ainda que em sua narrativa, ele descarte o retorno:

Pesquisadora: E quais são os seus planos, assim, de médio a longo prazo? Entra Brasil aí nessa história? Retorno?

Roger: Não, o Brasil não. Eu acho que o Brasil eu fiz uma cruz, assim, um pouco, entendeu? Vou muito pouco ao Brasil. Nesse período que eu estou aqui, acho que eu fui três vezes ou quatro ao Brasil, em dezessete anos, olha só... Eu fui sete, sete, sete... Acho que eu fui, a cada sete anos, acho, que eu vou ao Brasil. Não vou muito ao Brasil não. Realmente não, não tenho planos.

⁷ Na França foram realizadas 86 entrevistas sendo que como foi apontado, dois estavam com o retorno definido no curtíssimo prazo.

Mas como eu sempre escutei dizer que pessoas que imigram, imigrantes, quando chegam numa certa idade sentem saudade da terra natal ou querem se aposentar ou querem morrer, bom, *bref*, talvez isso possa me acontecer. Mas não, não, eu sou assim, agora eu sou, me sinto realmente parisiense, parisiense. [Roger em entrevista realizada em 18/09/2012]

Outros fatores que apareceram com relativa frequência entre os depoimentos coletados sobre os motivos para não retornar ao Brasil referem-se ao problema da violência urbana (motivo mencionado por Fernanda e destacado enfaticamente por Malu, Paula e Wanda), a descrença com a situação política e social no Brasil (Leonardo, Leandra e Osmar), o receio de como se inserir no mercado de trabalho brasileiro ou de “começar tudo de novo” (Sônia e Úrsula), a valorização do sistema de proteção social e a qualidade de vida que tem na França (Dalva, Flávia, Ivan, Ivone, Joana, Marcílio e Nilson) ou simplesmente porque gostam de viver na França e/ou expressaram que se sentem “acostumados” com o modo de vida francês (Alexandra, Clara, Isabel, Jonas, Milena, Plínio, Renato e Suzana). Também encontrei casos (Alex, Augusto e Baltazar) que descartam o retorno porque o entendem como “recuo” ou “atraso”, e por isso pensam sempre em seguir “em frente” (como Alex que deixou a Espanha para tentar a vida na França) do que voltar “para trás”.

Entre o *corpus* da pesquisa há diversos casos de migrações motivadas “por amor” e de uniões e casamentos entre brasileiros e franceses. Muitas vezes estes relacionamentos geraram filhos e aí a questão do retorno assume maior complexidade. Assunção (2012) chama a atenção para o fato de que os filhos que resultam das relações entre brasileiras e holandeses – seu caso empírico de pesquisa – implicam no estabelecimento definitivo da brasileira na Holanda mesmo que o casamento se desfça. Segundo a autora, suas entrevistadas declararam que os seus maridos holandeses não permitiriam que seus filhos fossem criados em um país de “terceiro mundo”. Nesta pesquisa, com os imigrantes brasileiros na França, não foram registrados depoimentos que abordassem o problema dessa forma, mas as narrativas permitem inferir que o ciclo de vida, particularmente no que se refere ao matrimônio e à maternidade, é fundamental para a elaboração e atualização dos projetos migratórios.

Peres (2013) ressalta a relevância destes fatores para a análise específica da migração feminina. No caso das 86 entrevistas com imigrantes brasileiros vivendo na França, 48 foram realizadas com mulheres. Destas 48 brasileiras na França, 25 tiveram ou tinham relacionamentos afetivos formalizados (casamento ou união civil) com homens franceses e 3 declararam estar envolvida afetivamente com um francês, mas sem vínculo civil.

Entre as 25 brasileiras que eram ou foram casadas com franceses, 16 tinham filhos destes relacionamentos. Houve 3 casos de divórcio que, por causa dos filhos, a permanência na França foi redefinida seja para permitir o vínculo paterno, ou ainda porque o filho já crescido não tinha a intenção de retornar ao Brasil (Cecília, Elba e Olívia). Nesse sentido, os filhos tendem a se tornar o “elo” mais forte que liga estas mulheres brasileiras à França tal como apontou Olívia, que pretende voltar ao Brasil após sua aposentadoria, “eu só não fui ainda [viver no Brasil] por causa da minha filha. O que me prende realmente aqui é ela” [Olívia em entrevista realizada em 25/05/2012]. Ou então, Cecília:

Por que que eu não voltei? Na época [na qual se divorciou do marido], eu poderia voltar, poderia ter voltado [...] mas eu não queria privá-lo [seu filho] da convivência com o pai. Então, se eu fosse pro Brasil, se eu voltasse pro Brasil, ele não iria mais ver o pai, ou ia ver de outra maneira. Eu não quis arriscar. Eu já estava aqui, eu me dava bem aqui. Eu acabei ficando. [Cecília em entrevista realizada em 08/06/2012].

A situação de Cecília se tornou mais complicada com o tempo em decorrência de ter sofrido perdas familiares, com a morte de sua mãe e de seu irmão. Segundo Cecília, era seu irmão quem cuidava de seu pai que tinha mais de 80 anos e que vivia só no interior de São Paulo. Desde a morte de seu irmão, disse-me que fazia três anos, Cecília vivia o que chamou de “impasse”, pois segundo ela é um sentimento de indecisão muito forte entre ficar na França ou voltar. De acordo com sua narrativa, o filho dela não aceitava morar no Brasil e ao mesmo tempo, ela avaliava que na sua idade (mais de 50 anos) não seria fácil encontrar trabalho no Brasil. Como ela não tinha um capital para voltar e montar um negócio, Cecília disse que prolongava sua situação e sua sensação de viver em “cima do muro”, mas assegurou que voltaria um dia:

Eu acho que a gente sempre fica na cabeça, da gente voltar. E eu, por exemplo, eu não tenho, na minha cabeça eu não concebo, por exemplo, morrer aqui, ser enterrada aqui. Não quero nem ser enterrada. Mas eu acho que a gente sempre pensa em voltar... [Cecília em entrevista realizada em 08/06/2012].

Regiane, por outro lado, tinha pressa. Disse-me que faz muito tempo que ela quer voltar, todavia o marido a convenceu a esperar que o filho terminasse o primeiro grau na escola francesa. Fazia três anos que ela havia perdido seu pai e isso a fez tomar “consciência de que [...] todo mundo tá, tá tudo indo e você não tá fazendo parte disso e vice-versa” [Regiane em entrevista realizada em 28/09/2012]. A perda do pai foi muito significativa para Regiane, que quase se separou do marido para regressar naquela ocasião para o Brasil. Quando me concedeu a entrevista, o momento de voltar estava se aproximando:

E lá [empresa do marido] a situação pra ele, profissionalmente, não tá boa. O

meu filho está terminando o primeiro grau. Eu não achei emprego, passei dois anos procurando emprego. O Brasil está num momento favorável. [...] Então, tudo tá fazendo com que a gente possa tomar essa decisão hoje. [Regiane em entrevista realizada em 28/09/2012].

Álvaro declarou ter um forte desejo subjetivo de retornar que se mostrava irrealizável devido às condições mais objetivas. Álvaro e sua esposa francesa pensam em morar um dia no Brasil, mas no médio prazo isso não se mostrava possível, de acordo com o entrevistado, em razão das condições financeiras do casal e a dificuldade de garantir aos filhos a mesma qualidade de vida que tinham na França. Álvaro mantém fortes vínculos com o Brasil. Ele, a esposa e os filhos passam três meses por ano no Brasil.

Outro exemplo de manutenção de laços forte com o Brasil é o caso de Beatriz, que vive na França há anos, mas deixou uma filha em Salvador, para quem manda dinheiro frequentemente. Beatriz disse-me que passa três meses do ano no Brasil e apesar de dizer gostar da França, tem certeza que quer voltar, nas palavras delas: “minha vida é aqui, mas meu futuro é lá” [Beatriz em entrevista realizada em 19/05/2012].

No caso de Waleska, a retomada dos vínculos com a origem estava fazendo com que ela se organizasse para retornar ao Brasil. Ela é uma mulher transexual e foi expulsa de casa aos 15 anos, quando foi para São Paulo, viver da prostituição. Chegou na França em 2002. No começo trabalhava apenas com a prostituição, mas com o tempo conseguiu trabalhar também como figurante e maquiadora. Disse-me que não pensava mais em voltar, mas “reconquistou” sua família, e quando me concedeu a entrevista, ela se preparava para voltar ao Brasil, estava estudando francês para fazer uma formação de cabeleireira na França para então voltar para Fortaleza:

Quería acabar no, com meus, meus dias aqui, na Europa, né. Mas como eu... Reconquistei minha família, minha família tá do meu lado novamente. Tô fazendo minhas formações, quero voltar pro [sorrindo] Brasil... E, viver lá, abrir um salão, ter uma vida normal e digna como toda mulher brasileira [Waleska em entrevista realizada em 15/10/2012].

Para Carlos parece que não são tantos os vínculos sociais, mas seu “espírito” de aventura que o faz querer voltar porque não quer ficar na França e “perder o bonde do Brasil” [Carlos em entrevista realizada em 16/06/2012]. Quando me concedeu a entrevista, Carlos trabalhava como motorista, mas também estudava inglês com intenção de retornar ao Brasil antes da Copa do Mundo. Segundo me explicou, seu intuito era voltar capitalizado, para poder investir em um negócio. Ponderava que precisaria pesquisar um local para isso, pois dada sua ampla trajetória migratória, ele conhecia muitos lugares. Sua meta era voltar entre janeiro e junho de 2014. Entretanto,

o caso de Carlos é interessante porque ele manifestava o desejo explícito de voltar, mesmo tendo vínculos objetivos (uma casa) e subjetivos com a França (vive lá desde 2003). De acordo com sua narrativa, ele tem certeza de que quer voltar, mas admite que possui duas “pátrias”.

Essa questão da dupla ausência ou duplo pertencimento foi explorada por Sayad: “Com efeito, esses homens que retornaram da imigração, homens do entre-dois – entre-dois-lugares, entre-dois-tempos, entre-duas-sociedades, etc. – são também e principalmente, homens entre-duas-maneyras-de-ser ou entre-duas-culturas” (SAYAD, 2000, p. 19). Deve-se ressaltar que essa experiência cindida não se dá exclusivamente após o retorno, pois a permanência na condição migratória também pode engendrar essa dualidade:

[...] pensar em voltar pro Brasil, significaria dizer, é, eu não estou contente com a vida aqui, ou eu projeto que a vida aqui vai piorar, ou eu projeto que vai chegar um momento em que tudo aquilo que eu deixei, vai me fazer falta, ou eu projeto que vai chegar um momento em que, por razões sei lá, familiares, doença na família, que eu não vou aguentar o frio aqui, porque sei lá, não vou aguentar o banzo e eu vou ter que voltar. Então, eu não vejo isso. O que eu vejo é que eu não vou me transformar em um francês, com certeza. Eu não vou perder os meus laços com tudo pra mim associado com o Brasil. Mas hoje eu já sou um cidadão híbrido. [...] E por razões práticas, eu não me vejo chegando no Brasil, 50, 60 anos de idade e tendo que fazer um plano de saúde que vai custar uma fortuna, por exemplo. Eu não, não, me vejo. [Leonardo, em entrevista realizada em 08/09/2012]

Essa experiência de “ser híbrido” pode ser vivida de forma mais crítica. Tânia mencionou esse sentimento, explicando que sua experiência migratória teria comprometido a possibilidade dela se sentir satisfeita em um só lugar:

Não é fácil, viver fora do país da gente. [...] Depois que você vive em dois países, assim, como a gente [ela e o marido], eu sou brasileira e vivo hoje aqui, ele é francês, viveu no Brasil. A gente não é mais 100% feliz em nenhum dos dois. Porque quando eu estou lá, eu estou feliz, porque eu estou com minha família, não-sei-o-que, não-sei-o-que; mas ao mesmo tempo eu tenho a minha casa aqui já hoje, eu tenho...Você quer juntar o que é bom do Brasil, da França. Quando você está na França, você quer trazer as coisas do Brasil pra cá. Quando você está lá, você quer levar as coisas de lá pra cá...Você não é mais 100% feliz em nenhum dos lugares. Quando você está aqui, você quer alguma coisa que está lá. Quando você está lá, falta alguma coisa que está aqui. [Tânia em entrevista realizada em 27/09/2012].

Em seu texto sobre o retorno Sayad (2000), que olha especialmente para a imigração argelina na França, argumenta como o retorno é um desejo “natural” do migrante e que quando esta operação espacial não pode se efetivar, o migrante só pode contar com um refúgio numa “intranquila nostalgia”. A questão do retorno evoca, segundo Sayad, as relações que os migrantes travam com o tempo presente e futuro e com o espaço, a terra em todas suas qualificações (física, social, simbólica e afetiva). Essa intensidade que se estabelece entre a condição do migrante e a questão do

retorno se manifestou particularmente em um dos depoimentos que abordou explicitamente o sentimento de ausência e de toda a dor que esta experiência pode carregar:

Eu tive uns momentos de muita angústia, recentemente, quando minha família teve umas dificuldades aí. E inclusive eu tenho muito medo do dia em que meus pais vão partir. Eu tenho uma ligação muito forte com o meu pai e eu tô tentando me preparar psicologicamente. Porque eu sei que eu vou... Vai ser difícil, muito difícil. E existe uma coisa assim de uma consciência que eu tenho hoje que eu não tinha quando eu tinha 25 anos, que é essa coisa da minha família. Na verdade, às vezes, eu falo: "Como é que eu vou morrer? Onde é que eu vou morrer?" Eu não... É incrível isso. Onde é que eu vou estar, hã, na minha fase de fragilidade, quando eu estiver velhinha? Onde é que eu vou viver minha velhice? Com quem eu vou estar? Eu não tô na minha casa aqui. Eu tô na minha casa com as minhas filhas e meu marido. É a minha casa. Mas a França não é a minha casa. Não é a minha casa. Assim, acho que é alguma coisa muito profunda da infância que, que fala nessa hora. Então, é, eu sei que tem minhas filhas, eu não vou estar nunca sozinha. Mas e se minhas filhas decidirem fazer a mesma coisa que eu fiz e forem embora? Onde é que eu vou morrer? Onde é que eu vou estar? É incrível, né, de... Então, é, eu, enfim... Mas pra responder de uma forma prática essa questão: Não, eu não quero voltar a morar no Brasil. Porque eu não tenho mais energia pra começar tudo de novo. Porque voltar a morar no Brasil, vai ser começar tudo de novo. Mas eu tenho só uma, uma vontade que eu não consegui realizar ainda, é achar uma forma de trabalhar com o Brasil de novo. E de ter suficientemente corrente de trabalho que me permitisse ter um pezinho lá... [Úrsula em entrevista realizada em 16/06/2012].

Projeto migratório de retorno: o caso de Mário

Nesta parte do texto, coloca-se o foco nos projetos migratórios, como forma de iluminar o reconhecimento da agência dos migrantes ao mesmo tempo em que indica o papel das coações e constrangimentos relacionados à posição que estes ocupam no espaço social (BOURDIEU, 2004, 2011; MA MUNG, 2009). Nesse sentido, pretende-se mostrar como as criações que construíram a experiência migratória, também orientam os planos de retorno. A seguir, apresenta-se um do caso de regresso “planejado” ao Brasil (Mário).

O projeto de retorno de Mário

Mário⁸ nasceu em 1964 numa cidade localizada ao sul de Minas Gerais. Foi para o Rio de Janeiro fazer faculdade, e depois de formado foi para Friburgo. Ele é biólogo marinho e queria fazer uma pós-graduação no exterior, sendo esse o “mote” inicial para a emigração segundo me contou:

Na verdade, quando eu comecei os meus estudos, visto que eu queria fazer,

⁸ Entrevista realizada em 01/09/2012 por Skype, eu estava em Paris, França e ele em Belo Horizonte, Minas Gerais. É interessante porque Mário foi um dos poucos que respondeu aos meus anúncios de “procura-se imigrantes brasileiros na França retornados ao Brasil” e na época em que ele me escreveu pela primeira vez, maio de 2011, ele vivia na França e eu estava no Brasil. Quando fui para a França entrei em contato com ele novamente, e soube que ele havia retornado ao Brasil. Em razão do nosso desencontro geográfico, a entrevista foi feita através do Skype.

que era parte de Biologia marinha, eu pensava inicialmente em ir pros Estados Unidos. E esse pensamento foi mudando com o tempo [...] eu comecei a ter contato com muitas pessoas, pessoas que faziam francês, que estudavam francês. Eu resolvi fazer francês. Então, eu comecei pela Aliança, eu fiz francês no último ano de faculdade, depois eu me mudei pra Friburgo, eu fiz faculdade no Rio, mudei pra Friburgo e em Friburgo, a comunidade de pessoas que fala francês é muito grande. E eu ainda tive mais um contato com pessoas que moravam na França e outras que tinham o projeto de um dia ir morar, estudar etc. E, por um lado prático é, conseguir bolsa pelos Estados Unidos era muito difícil. Pela França era mais fácil [...].Então eu direcionei isso e direcionei a minha carreira, o meu trabalho pra poder preparar a minha ida pra Europa. E, assim, eu fui, eu fui sem bolsa, sem nenhum auxílio, eu fui com o meu dinheiro inicialmente, entendeu? Pensando no caso de trabalhar paralelamente. [Mário, em entrevista realizada em 01/09/2012]

Mário deixou Friburgo e voltou para Minas Gerais para viver com os pais enquanto economizava dinheiro para a realização do “projeto”. Ele tinha duas amigas que estavam se programando para ir para a França estudar francês e elas lhe avisaram seis meses antes. Segundo me disse, o fato delas irem naquela ocasião foi considerado por ele, que acabou indo antes do previsto, entendendo que a presença de duas amigas lá lhe serviria como apoio. Na época, ele foi em 1991, a situação econômica estava desfavorável (inflação alta no Brasil, moeda brasileira desvalorizada), mas decidiu “investir”, pediu ajuda aos pais e conseguiu viabilizar a ida. O primeiro destino foi Marselha onde obteve uma licença. De lá foi para Paris, onde fez o *master* e o doutorado. Para o doutorado, Mário conseguiu bolsa do governo francês para uma pesquisa realizada na Guiana Francesa. Por causa desta pesquisa, viveu dois anos na Guiana Francesa. O plano inicial era voltar ao Brasil depois do doutorado, mas não aconteceu desta forma. Reproduzirei um trecho longo, mas que vale pela narrativa que ele formulou:

[...] na minha cabeça eu sempre guardei que eu iria voltar pro Brasil. É...Mas tinha a opção de caso, vamos dizer [...] se eu fizesse a minha vida na França, que seja profissional, afetiva, se tudo tivesse bem, eu ficaria, entendeu? Mas com aquele intuito de “eu quero morrer no Brasil”, entre aspas, né? “Eu quero voltar pra minha terra um dia”. [...] Esse retorno foram vários pensamentos e ações e acontecimentos da minha vida que me foram amadurecendo essa ideia. O primeiro fator foi o fator trabalho que finalmente eu me formei, eu fiz então o *Master* e fiz o Doutorado. E logo após o doutorado, eu era residente francês, eu tinha então uma carta de residente, mas eu ainda não tinha nacionalidade, então pra prestar algum concurso pra, por exemplo, alguma instituição governamental, eu não podia porque eu era Brasileiro. Além disso, outras dificuldades, de não poder votar, de não poder ter acesso a certas coisas e eu paralelamente, porque durante os meus estudos eu trabalhei numa porção de lugar: em hotel, em restaurante, tinha que trabalhar pra pagar os estudos. E eu trabalhei durante a minha tese, paralelamente eu fazia tradução. E eu fui convidado pra uma agência pra fazer um projeto, eles me convidaram logo em seguida pra trabalhar, eu não tinha nada ainda disponível na minha área. Eu aceitei esse trabalho e acabei ficando lá 10 anos. Fui subindo de posto e até chegar ao posto de diretor geral de empresa, mas assim, meu pensamento foi que quando eu cheguei nesse posto, tinha uma certa hora que eu não tinha mais *challenge* pra frente, sabe? [...] Então eu resolvi pensar em outras possibilidades: ou mudar de emprego, ou, porque não, voltar ao Brasil.

Começou por aí, a ideia. [...] mas também teve outros acontecimentos. Eu tive um acidente em 2009 muito grave onde eu vi que família, entendeu, aqui conta, entendeu? Nessas horas graves, a família é quem está em cima, apesar de ter feito um círculo de amigos grande na França e, a maioria dos meus amigos na França eram Franceses. [...] Também tinha o fato de que o Brasil estava crescendo muito, o emprego aqui estava muito grande, o desemprego na França muito grande. Isso me fez refletir até mudar, entendeu? [Mário, em entrevista realizada em 01/09/2012]

Mário contou-me que desde 2008 começou a alimentar um projeto de retorno e que em 2011 apareceu uma oportunidade de desligar-se do trabalho, de ser demitido e poder receber seguro desemprego. Inicialmente tinha pensado em voltar para o Brasil depois de ter seus diplomas validados, mas ele adiantou sua saída do trabalho e acabou voltando antes de conseguir o reconhecimento dos seus títulos:

[...] quando eu comecei a germinar essa ideia de voltar pra cá, eu vim sempre ao Brasil. Coisa que, às vezes eu ficava dois anos sem vir a Brasil. Então eu tive aqui em 2008, tive em 2009, em 2010 e em 2011. E eu já fui pesquisando mercado pra saber o que que eu ia fazer, quais seriam as possibilidades [...]. Então, eu falei: “não, inicialmente eu vou fazer um período de adaptação em Belo Horizonte porque a minha família está perto”. E nesse momento é por contatos que eu vou conseguir eventualmente um trabalho qualquer que ele for. É o tempo que eu necessito também, porque em 2010, eu resolvi validar os meus diplomas no Brasil. Infelizmente é um processo longo, caro. E eles me deram na Universidade de São Paulo o tempo mais ou menos de dois anos pra talvez sair a resposta. Então, eu nesse ponto eu não posso dar nenhuma aula em faculdade. Eu não posso prestar nenhum concurso porque meus diplomas não estão validados ainda. Então, na minha ideia de voltar era “vamos tentar voltar quando isso tudo estiver pronto, porque daí eu já chego aqui com todas as armas”. Mas ao mesmo tempo eu saí do meu trabalho, me demiti do meu trabalho no início de 2011. [...] E eu falei: “bom, então por que não voltar pro Brasil” pra justamente fazer essa adaptação e fazer os contatos e, talvez no ano que vem, quando tudo estiver já certo, os diplomas já validados, seja mais fácil entrar no mercado. Aí, porque não mudar daqui e ir pra qualquer outro lugar, eu não tenho essa pretensão de ficar em Belo Horizonte. Se aparecer um emprego em Natal ou não sei aonde, no Sul do Brasil, eu vou. [Mário, em entrevista realizada em 01/09/2012]

Mário voltou ao Brasil depois de 21 anos de vida no exterior (2 anos na Guiana Francesa e 19 anos de França). Obteve a cidadania francesa há alguns anos atrás. Apesar da decisão de voltar ao Brasil, continua com uma boa imagem da França e disse que apesar do plano atual de se estabelecer no Brasil, não descarta um retorno à França:

Eu acho que eu voltaria, de repente se, vamos dizer, se o contexto econômico estivesse diferente hoje em dia, entendeu? E que tivesse alguma oportunidade interessante. Eu voltaria. Hoje em dia eu não penso mais em voltar, entendeu. Hoje em dia eu quero me estabelecer aqui. Mas se, sei lá, daqui um ano, dois anos, cinco anos, dez anos, eu tiver uma oportunidade de algum negócio ou de algum emprego que me interesse, eu não tenho problema nenhum. Largo tudo. Nesse ponto eu tenho a vantagem de não ser casado, de não ter filhos, entendeu? Então, eu posso, como eu fiz lá, eu vendi tudo o que eu tinha, tudo, fiz um bazar na minha casa, vendi tudo. O que eu pude trazer, eu trouxe, e falei “tchau todo mundo!”, entendeu. Posso fazer a mesma coisa aqui, entendeu? Vendo tudo e vou embora. [Mário, em entrevista realizada em 01/09/2012]

Mário deixou o Brasil aos 27 anos, pensando que voltaria após o doutorado no

exterior, mas predisposto a “ficar” caso fizesse sua vida profissional ou afetivamente na França. Esta mesma “abertura” para um “porvir migratório” se manifesta em seu retorno ao Brasil aos 48 anos, que mesmo planejado e entremeado de obstáculos (dado o desemprego e o não reconhecimento dos títulos acadêmicos obtidos no exterior) está sendo levado a cabo pelo desejo de estar mais próximo da família e ao mesmo tempo aproveitar o contexto econômico brasileiro mais favorável. Ao que tudo indica, Mário parece dispor de capital cultural (BOURDIEU, 1979, 1980) e financeiro suficiente para lhe permitir investir tempo e dinheiro que o retorno ao Brasil estava lhe exigindo.

Considerações finais

Em trabalho anterior (ALMEIDA, 2012) discuti os impactos da mobilidade de estudantes para a França sobre a imigração brasileira no país, considerando as mudanças na expectativa temporal dos migrantes sobre a duração dos deslocamentos (ROBERTS, 1995). Xavier de Brito (2009), por outro lado, abordou a influência de “processo de integração” de estudantes brasileiros em Paris, enfatizando que a aquisição dos hábitos culturais que advém com a permanência mais duradoura no exterior, tende a influenciar o desejo de ficar mais tempo, inclusive repercutindo no estabelecimento de residência e no acesso à nacionalidade francesa, particularmente quando há uma relação afetiva ou casamento.

O alongamento do tempo de permanência deles na França foi verificado em diversas trajetórias, particularmente entre aqueles que migraram por motivos de estudo. Entre os 30 casos de mobilidade estudantil encontrados no universo pesquisado, 8 continuaram na França após o término dos estudos e 2 haviam retornado ao Brasil, mas permaneceram anos na França após a conclusão dos estudos. Entre esses ex-estudantes, para 4 deles a estada mais duradoura ou definitiva não envolveu uma relação afetiva com francês que se efetivou em matrimônio como ocorreu em alguns casos.

Houve casos ainda, nos quais a ida para a França consistiu em uma nova emigração para Europa após retorno compulsório ao Brasil, além de casos de “retorno” à França, situações em que houve pelo menos uma estada anterior em terras francesas desde a última migração.

Também foram encontrados casos nos quais o projeto migratório laboral clássico de “migrar por um tempo, para juntar dinheiro” foi atualizado. Assim, de uma migração laboral pensada como temporária, a experiência acabou se transformando em uma

instalação com menor probabilidade de retorno (ida da família e atualização dos planos de retorno para um projeto de viver na França).

Considero importante dizer que alguns me narraram essa mudança na expectativa inicial como “objetiva” ao decidiram, por exemplo, fazer o doutorado após o término do mestrado, ou então por escolher as condições de vida na França quando comparada à possibilidade de voltar para o Brasil. Todavia, entre aqueles que vivem na França há vários anos, essa permanência foi na maior parte dos casos narrada como “natural”, “inesperada” e até mesmo “estranha”. Sônia, por exemplo, não conseguiu me dizer porque “foi ficando” e assim como não pôde falar explicitamente que não vai voltar, ainda que o tenha dito indiretamente, quando falou dos receios que tem em relação a isso (questão de tempo de serviço para aposentadoria, falta de segurança e educação de qualidade para o filho).

Para aqueles que queriam mesmo “emigrar”, a instalação definitiva é resultado de uma série de estratégias e esforços empreendidos. O não-retorno é uma escolha. Para outros, a permanência é algo que “foi acontecendo” e, às vezes, ela é vivenciada até com certo “estranhamento”, algo que a situação da entrevista revela e que se expressa enquanto lapso.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, G. M. R. **Au revoir, Brésil**: um estudo sobre a imigração brasileira na França após 1980. Tese (Doutorado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. 437 p.

_____. “Circulação estudantil e imigração brasileira na França”. In: Encontro da Associação Brasileira de Estudos de População, 18, Águas de Lindóia. **Anais...** Águas de Lindóia: ABEP, 2012. 18 p. Disponível em: <www.abep.nepo.unicamp.br/xviii/anais>.

AMORIM, Mariana Alves. **Para além de partidas e de chegadas**: migração e imaginário entre o Brasil e a França, na contemporaneidade. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. 296 p.

ASSUNÇÃO, V. K. “Casamentos e migração internacional: notas a partir de uma etnografia sobre os relacionamentos afetivos entre brasileiras(os) e holandeses(as)”. In: PADILLA, B. *et al* (org). **Novas e velhas configurações da imigração brasileira na Europa**. Atas do 2º seminário de estudos sobre a imigração brasileira na Europa. Lisboa: ISCTE, 2012. p. 349-361. Disponível em: <repositorio-iul.iscte.pt/handle/10071/3874>. Acesso em: 03 Dez. 2012

BÓGUS, L. M. “Migrantes brasileiros na Europa Ocidental: uma abordagem preliminar”. In: PATARRA, Neide (org) **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1995. p. 111-121.

BOURDIEU, P. "Les trois états du capital culturel". **Actes de la recherche en sciences sociales**. Paris, n. 30, p. 3-6, Nov. 1979, p. 3-6. Disponível em: <www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1979_num_30_1_2654>. Acesso em: 25 Out. 2010

_____. "Le capital social: notes provisoires". **Actes de la recherche en sciences sociales**. Paris, n. 31, p. 2-3, 1980. Disponível em: <www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1980_num_31_1_2069>. Acesso em: 25 Out. 2010

_____. **Coisas ditas**. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim; revisão técnica Paula Montero. São Paulo: Brasiliense, 2004. 234 p.

_____. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Tradução Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 2011. 224 p.

BOULY DE LESDAIN, S. "Projet migratoire des étudiantes camerounaises et attitude face à l'emploi". **Revue européenne de migrations internationales**. Vol. 15 N°2, 1999. p. 189-202.. Disponível em: <www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/remi_0765-0752_1999_num_15_2_1685> Acesso em: 19 Set. 2012

BOYER, F. "Le projet migratoire des migrants touaregs de la zone de Bankilaré: la pauvreté désavouée". **Stichproben**, n° 8, Special Issue on African Migrations. Historical Perspectives and Contemporary Dynamics, p. 47-67, 2005. Disponível em: <www.univie.ac.at/ecco/stichproben/Nr8_Boyer.pdf>, acesso em: 01 Mai. 2013.

CORTES, G. e FARET, L. "La circulation migratoire dans l'ordre des mobilités". In: _____. (orgs) **Les circulations transnationales**: lire les turbulences migratoires contemporaines. Paris: Armand Colin, 2009, p. 7-19.

COURGEAU, D. "Concepts de base". In: **Methodes de mesure de la mobilite spatiale**: migrations internes, mobilite temporaire, navettes. Paris: Editions de l'Institut National d'Études Demographiques, 1988. p. 11-20

DOMENACH, H.; PICOUET, M. "El caracter de reversibilidad en el estudio de la migracion." **Notas de población**, n° 49, 1990, p. 49-. 68

DURAND, J. "Los inmigrantes también emigran: la migración de retorno como corolario del processo". **REMHU**. Números 26 e 27, 2006.

MA MUNG, E. "Le point de vue de l'autonomie dans l'étude des migrations internationales: 'penser de l'interieur' les phénomènes de mobilité". In: DUREAU, Françoise et HILY, Marie-Antoinette (dirs). **Les mondes de la mobilité**. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2009. p. 25-38

MAUSS, M. "Ensaio sobre a dádiva" In: **Sociologia e antropologia**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 183-314.

MAY, T. **Pesquisa social**: questões, métodos e processos. Porto Alegre: Artmed, 2004. 288 p.

PATARRA, N. "Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volume, fluxos, significados e políticas". In: **São Paulo em Perspectiva**, v. 19, n. 3, jul/set 2005. p. 23-33

PERES, R. G. "Migração feminina: um debate teórico e metodológico no âmbito dos estudos de gênero". In: BAENINGER, R.; DEDECCA, C. S. (org) **Processos**

migratórios no Estado de São Paulo: estudos temáticos. Campinas: Nepo/Unicamp, 2013. p. 609-619

PIRES, A. P. “Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico”. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** Petrópolis: Vozes, 2010. p. 154-211

ROBERTS, B. R. “Socially expected durations and the economic adjustment of immigrants”. In: PORTES, A.(ed) **The economic sociology of immigration.** New York: Russell Sage Fundation, 1995. p. 42-86

ROSENFELD, M. et al. “Immigration brésilienne en Europe: dimension transnationale”. **Hommes & Migrations**, nº 1281, 2009. p. 54-63

SALES, T. “Brasil migrante, Brasil clandestino”. **São Paulo em Perspectiva.** Vol 8, n 1, 1994. p. 107-115

_____. “O trabalhador brasileiro no contexto das novas migrações internacionais”. In: PATARRA, N. (org) **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo.** São Paulo: FNUAP, 1995. p. 89-103

SAYAD, A. “O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante”. **Travessia.** Vol XVIII, número especial, janeiro de 2000. 36 p.

TILLY, C. **Transplanted networks.** New York: New Scholl of Social Research, 1986. 16 p. Disponível em: <faculty.utep.edu/Portals/1858/Tilly%201986%20Transplanted%20Networks.pdf>. Acesso em 11 Jan. 2011.

XAVIER DE BRITO, A. “‘Avec du cœur au ventre’: l’expérience des Brésiliens non boursiers à Paris”. In: AGULHON, C.; XAVIER DE BRITO, A. (org.) **Les étudiants étrangers à Paris.** Paris: L’Harmattan, 2009. p. 41-70